

O Túmulo da Poetisa Luíza Amélia



Elmar Carvalho

Elmar Carvalho

O Túmulo da Poetisa Luíza Amélia

2021

APRESENTAÇÃO

Dias atrás, recebi do poeta Elmar Carvalho, ao telefone, a informação sobre o estado de quase ruína em que se encontrava o túmulo da poetisa Luiza Amélia de Queiroz Brandão (1838 – 1898). Fui alertado de que se providências imediatas não fossem adotadas, o mausoléu poderia cair em breve, sobretudo em virtude do período chuvoso que já se aproxima.

Luiza Amélia é por muitos considerada a primeira poetisa nascida no Piauí e a mais notável. Chamada de a Princesa da Poesia do Piauí, escreveu belos versos, que ainda hoje nos encantam e nos emocionam. Seu nome se encontra imortalizado em nossas principais antologias poéticas e nos principais livros de história da Literatura Piauiense.

Nascida em Piracuruca, viveu a maior parte de sua vida em Parnaíba. Seus últimos anos de vida foram passados, não em uma torre de marfim, mas no seu belo Sobrado de Azulejos, perto do Porto das Barcas.

E a sua última morada também fica em Parnaíba, no Cemitério da Igualdade, de tão belo e justo nome. Seu túmulo, sóbrio e belo, é uma obra de arte em si mesmo, e de valor artístico, turístico e histórico inestimável. Fica à sombra de magnífica e frondosa gameleira, que lhe dá

sombra e beleza. Essa árvore nasceu como que para atender ao pedido poético de Luiza Amélia, que disse gostaria de ser sepultada à sombra de uma gameleira.

Por tudo isso, em boa e abençoada hora, tomamos a resolução de restaurar o seu túmulo.

Parnaíba, dezembro de 2021

Francisco Valdeci de Sousa Cavalcante
Presidente da FECOMÉRCIO/SESC/SENAC

O Túmulo da Poetisa Luiza Amélia

Elmar Carvalho

Umás três semanas atrás, quando estive em Parnaíba, fui visitar o poeta e escritor Claucio Ciarlini. Como o seu condomínio residencial fica a poucos quarteirões do Cemitério da Igualdade, convidei-o a me acompanhar a uma visita que faria ao túmulo de minha irmã Josélia, falecida logo após completar quinze anos de idade.

Tendo ele aceito o convite, adentramos o vetusto campo santo, de nome tão bem-posto, embora nele se vejam, de forma contrastante, túmulos suntuosos, verdadeiros mausoléus, ao lado de sepulturas bem humildes, algumas em completa ruína. Fomos ao túmulo onde foi sepultada minha irmã; nele se encontra afixada uma fotografia em que ela aparece risonha e bela, como de fato era. Na placa singela, meu pai fez inscrever os imortais versos do excelso bardo Da Costa e Silva: “Saudade – asa de dor do pensamento”.

Ato contínuo, pervagamos entre vários túmulos, tentando encontrar o de minha prima Verônica Mendes Melo, nascida em Piripiri, em 13 de setembro de 1930, também falecida no apogeu de sua beleza e mocidade. Sobre sua morte, no livro “O Ponta-de-Rama”, informa seu irmão Fabiano Melo: “Bionca, como era chamada em casa, sempre

foi pessoa alegre, extrovertida e bonita. Na plenitude da graça e na pujança de seus vinte e um anos, o espectro da tragédia interrompeu sua vida. Acidentada, veio a falecer em Parnaíba a 12 de março de 1951”. Em vão procurei o seu jazigo (*), que anos atrás encontrara como que por acaso.

Ante esse insucesso, convidei Cláudio para visitarmos os túmulos do professor Amstein, excêntrico e algo mitômano, um de meus Poemas da Parnaíba, sobre o qual publiquei longa crônica biográfica e memorialística no Almanaque da Parnaíba e na internet, e o da poetisa Luiza Amélia de Queiroz, que lhe fica próximo, perto da alameda principal.

Na segunda metade da década de 70, talvez em 1977 ou 1978, fiz parte de uma agremiação literária fundada, nessa época, pelo poeta e jornalista Fonseca Mendes. Em nossas reuniões ele se referia a figuras proeminentes da literatura parnaibana. Numa dessas vezes, enfocou a vida e a obra da poetisa Luiza Amélia de Queiroz Brandão, dando destaque especial ao fato de que ela pedira, num de seus poemas, para ser sepultada à sombra de uma gameleira.

Enterrada no Cemitério da Igualdade, o seu pedido não pôde ser atendido. Contudo, tempos depois, de forma para mim misteriosa, uma gameleira rebentou de dentro de seu túmulo, em circunstâncias que desconheço. Tornou-se uma magnífica árvore, de verde vivo, reverberante e de copa exuberante. É uma encantadora gameleira, que dá sombra e beleza ao jazigo da poetisa.

Em seu notável livro “Personalidades atuantes da História de Parnaíba – Ontem e Hoje”, a professora Aldenora Mendes Moreira assinala:

“Luíza Amélia conseguiu ler os principais autores de sua época, superou as dificuldades do meio, acumulou vasto conhecimento, lutou contra a própria família, para melhor se firmar e para melhor garantir sua liberdade de expressão; marcou presença e conquistou espaço; única mulher a figurar no quadro de Patronos das Academias: Piauiense e Parnaibana de Letras, transpondo, assim, os degraus da imortalidade, com justiça, chamada: Princesa da Poesia do Piauí (...).”

Sem dúvida, deve ter enfrentado as incompreensões e preconceitos de familiares e contemporâneos, numa sociedade patriarcal, em que a mulher devia se restringir a prendas e afazeres domésticos, como também reconhece a professora Rosana Cássia Kamita, da Universidade Federal de Santa Catarina, na “orelha” do livro “Georgina ou os efeitos do amor e outros escritos inéditos – Luiza Amélia de Queiroz”, EDUFPI/2018, organizado por Algemira de Macedo Mendes e Daniel Castelo Branco Ciarlini:

“Ser mulher e escritora no século XIX foi um desafio aceito por Luiza Amélia e hoje temos a possibilidade de voltar aos seus poemas, e não apenas para que sejam lidos, o que por si só já valeria a publicação, mas para que possam ser pesquisados, avaliados e virem a ocupar o espaço merecido na literatura.”

Por muitos considerada a primeira e a mais importante poetisa do Piauí, ela tem feito parte de quase todas as antologias poéticas de nosso Estado. É citada em todos ou quase todos os livros sobre a história da literatura piauiense. Portanto, é uma alta personalidade literária de nosso estado, e merece todas as nossas homenagens e reconhecimento.

Ela mesma fez a descrição de seu porte físico e dotes espirituais no soneto:

Um retrato

D'estatura elegante, porte airoso,
E a tez levemente amorenada,
A boca não pequena e nacarada,
O olhar meigo, triste e langoroso.

O cabelo corrido, mas lustroso
Moldurando-lhe a face descorada
O nariz retangular, a fronte levantada,
Prometendo um gênio grandioso.

Amando com paixão, sem ser amada,
Um homem que seus dons não aprecia,
E capaz de por ele dar a vida!

Eis a triste mulher qu'a sorte ímpia
Para cúm'los de males atrevida
Deu-lhe vasta e ardente fantasia.

Nasceu na cidade de Piracuruca, em 26 de dezembro de 1838, filha de Manoel Eduardo Queiroz e Vitalina Luiza de Queiroz, mas passou a maior parte de sua vida em Parnaíba. Casou-se em primeiras núpcias, em 1859, com José Pedro Nunes, e em segundas, viúva, com Benedito Rodrigues Madeira Brandão, em 1888. Morou no célebre sobrado de azulejo, perto do Porto das Barcas.

Faleceu em Parnaíba, perto de completar 60 anos de idade, no dia 12 de novembro de 1898. Foi sepultada, como dito, no Cemitério da Igualdade.

Seu túmulo, embora sem luxo e sem ostentação, é uma obra de arte, um sóbrio mausoléu, que recebe a bênção da beleza e da sombra de sua frondosa e exuberante gameleira. Há alguns anos, quando o vi pela última vez, estava em bom estado de conservação.

Contudo, para minha consternação, se encontrava agora em situação de quase ruína, sujo, com as lápides deslocadas, inclinadas, quase a desabarem. Caso venham a cair, já fragilizadas pelo tempo, pelo vento, pelas chuvas e pelo sol, com certeza se quebrariam. Talvez sequer possibilitassem uma restauração, sempre muito mais cara, que uma simples conservação ou manutenção.

Dessa forma, o rejunte e a cimentação das lápides, na forma adequada, com a remontagem no prumo e no esquadro, é o serviço ideal, urgente e necessário. Eu e o Claucio Ciarlini tiramos várias fotografias, para documentarmos o estado precário em que se encontra o belo jazigo da grande poetisa brasileira.

Coloquei a notícia dessa minha preocupação em vários grupos literários de Parnaíba, mas praticamente só obtive o silêncio e a inércia. Esperava que alguma pessoa levasse o caso às autoridades competentes em Parnaíba. Ante o fato de que nenhuma providência concreta fora tomada, expus o caso na reunião virtual da Academia Piauiense de Letras, para que os presidentes desta entidade, Zózimo Tavares, e do Conselho Estadual de Cultura, Nelson Nery Costa,

tentassem fazer alguma coisa, sobretudo levando a notícia às autoridades culturais do Piauí.

Incontinenti o acadêmico Nelson Nery, em gesto que merece toda a nossa louvação, em aparte que lhe concedi, disse que eu entrasse em contato com alguém de Parnaíba, que ele pagaria, com dinheiro de seu próprio bolso, o conserto do túmulo, nos moldes em que falei acima, já que o caso é de muita urgência, ainda mais em face do período chuvoso que já se aproxima.

Contudo, posteriormente, conversei com o acadêmico e presidente do sistema Fecomércio/SESC/SENAC, Dr. Valdeci Cavalcante, e ele me disse que patrocinaria o conserto do mausoléu de Luiza Amélia, através de uma construtora.

Para poupar o amigo Nelson Nery da despesa que ele se dispusera a bancar, exultei com a oferta do mecenas Valdeci Cavalcante, que é parnaibano e admirador da poetisa e de seu túmulo.

Agora, no momento em que eu pingava o ponto final nesta crônica, o meu caro amigo Antonio Gallas Pimentel, poeta, escritor e jornalista, acaba de me transmitir, por telefone, a informação de que o Dr. Paulo Armando, assessor de Valdeci Cavalcante, já fizera a análise do estado do túmulo, e já ia iniciar os trabalhos de conserto e restauração da última morada terrena de Luiza Amélia de Queiroz Brandão, dama ilustre das Letras Piauienses.

(*) Na quarta-feira, dia 08/12/21, ao me comunicar com o advogado e professor Roberto Cajubá, por WhatsApp, sobre minha palestra a respeito da Faculdade de Administração de Parnaíba, ele me disse que havia lido

minha crônica, e que sabia onde se localizava o túmulo de Verônica Mendes Melo, uma vez que sua esposa Maria Tereza era sua sobrinha-neta, posto que é filha de Oneide, esta filha de Adélia, irmã de Verônica. E, em gesto de lhanza, se prontificou a me levar a esse jazigo, quando eu estivesse em Parnaíba.

Alguns Poemas de Luiza Amélia de Queiroz Brandão

Um retrato

D'estatura elegante, porte airoso,
E a tez levemente amorenada,
A boca não pequena e nacarada,
O olhar meigo, triste e langoroso.

O cabelo corrido, mas lustroso
Moldurando-lhe a face descorada
O nariz retangular, a fronte levantada,
Prometendo um gênio grandioso.

Amando com paixão, sem ser amada,
Um homem que seus dons não aprecia,
E capaz de por ele dar a vida!

Eis a triste mulher qu'a sorte ímpia
Para cúm'los de males atrevida
Deu-lhe vasta e ardente fantasia.

A Deus

Ser dos seres, oh! Tu que podes tanto,
Que fizeste a Terra e o Firmamento,
Com diversas belezas! Num momento
Aniquilá-las podes! Santo, Santo!

Tu que aos lábios dás riso, aos olhos pranto,
Que lêes o coração, no pensamento,
Que as fúrias conténs, ao mar, ao vento,
E às flores dás vida, e ao sol encanto.

Não consistas, meu Deus, que fero instinto
À virtude polua o véu tão casto,
E que seja o teu dom assim extinto.

Ah, Senhor! Tu és Pai, nunca Padrasto,
Bem sabes que sucumbo, e que não minto.
Ah! Conforme tua luz meu ser já gasto!

Impossível

Ela dormia no divã de prata
Como rainha nos degraus do trono!
Nem uma nuvem rendilhada e fina;
Nem uma estrela lhe guardava o sono.

Ela dormia como a houri formosa
Meiga, sorrindo, na celeste altura.
Bela mais bela do que a estrela-d'alva!
Branca, mais branca que a neve pura!

Ela dormia! – seus divinos raios
Formavam ciclo de beleza imensa:
Como a miragem, a visão de um sonho
Na leve rede do ideal suspensa!

Ela dormia! – ciciante a brisa
Passando perto lhe osculava a fronte:
Gemiam ondas na deserta praia,
Doce, baixinho, suspirava a fonte.

Ela dormia na amplidão sidérea
E eu enlevada na beleza sua,
De quando em quando murmurava em êxtases:
Ah! Se eu pudesse te igualar, ó lua!

O Homem Não Ama

(fragmento)

Jamais o seu peito mais duro que o aço,
Palpita a não ser a louca ambição.
Supõe-se – orgulhoso – que é soberano,
Que todas as belas vassalas lhe são!
Mais falso que a brisa que as flores bafeja,
Se mil forem belas... a mil finge amar...
Assim um já disse, e assim fazem todos,
Embora não queiram jamais confessar,
Cruéis, como Nero, são todos os homens!
Ateiam as chamas de ardente paixão,
Depois... observam, sorrindo, os estragos...
E dizem, cobardes! que têm coração!!

A mulher

A mulher que toma a pena
Para Lira a transformar,
É, para os falsos sectários,
Um crime que os faz pasmar!
Transgride as leis da virtude
A mulher deve ser rude
Ignara por condição!
Não deve aspirar à glória!...
Nem um dia na história
Fulgurar com distinção!
Mas eu que sinto no peito,
Dilatar-me o coração,
Bebendo as auras da vida,
Na sublime inspiração:
Eu que tenho uma alma grande,
Uma alma audaz que s'expande
No espaço a voejar.
Não posso curvar a fronte
Nesse estreito horizonte
E na inércia ficar!

Sempre dor

[...]

Já sem saber onde os ponha,
E d'esta vida enfadonha
Tendo tédio e tanto horror;
Volvo-os além; vejo um túmulo,
Que é sempre o feliz êmulo
Do fado perseguidor.
Campa! Campa! É no teu seio
Que irei – tão longo anseio
Esconder – triste a dormir
Inerte, fria, gelada,
Pelos meus abandonada,
Mas também sem dor sentir

Às parnaibanas

Amáveis parnaibanas,
Também somos brasileiras,
Podemos hoje altaneiras
Como as mais a fronte erguer;
E mostrar que em nosso peito
Pulsa cheio de alegria,
Um coração que sofria
Por ver a pátria sofrer.

Não só aos homens compete
D'este triunfo a vitória,
A nós também cabe a glória
Que filhas do Brasil somos;
Se qual Jovita uma farda
Não cingimos com denodo,
Por outro distinto modo
À pátria servindo fomos.

Dos parentes excitando
Os brios se vacilavam,
Se indecisos se mostravam
Entre dois amores santos:
O da pátria agonizante,
O da família saudosa,
Na despedida custosa
Comprimindo os nossos prantos!

Agora que a pátria exulta
Devemos ficar sombrias?
Inertes, mudas e frias
Entre tanta animação?
Oh! Em unânime brado,
Demos a esta alegria,
Que em nossa alma irradia
Doce e suave expansão!...

NOTA: Os poemas foram extraídos dos livros Antologia dos Poetas Piauienses, de Wilson Carvalho Gonçalves, Parnárias – poemas sobre Parnaíba, org. Alcenor Candeira Filho, Elmar Carvalho e Inácio Marinheiro, e de fontes esparsas na internet.

